



HISTÓRIA, BIOGRAFIA E AUTOBIOGRAFIA: as representações sobre a trajetória de Zuzu Angel

Ana Paula Moreira Pinto
PUC-GO

RESUMO

Zuleika de Souza Netto (1921-1976) conhecida posteriormente como Zuzu Angel, tem sua trajetória de vida relacionada, predominantemente, a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). Zuzu Angel foi uma importante costureira/fashionista durante o Brasil Republicano, possuindo reconhecimento em âmbito nacional e internacional. Seu filho, Stuart Angel Jones (1945-1971), militante político, exerceu atividades de resistência durante o regime ditatorial, sendo em 1971 preso, torturado e assassinado pelos órgãos de segurança nacional. Com o seu desaparecimento, posteriormente a comprovação da morte de Stuart, Zuzu Angel, utilizando-se de sua profissão e das suas influências internacionais, buscou meios de cobrar do governo Brasileiro esclarecimentos sobre o paradeiro de seu filho, porém, sua “luta” de cinco anos (1971-1976) encerra-se em um acidente automobilístico, tendo os militares como os mentores. Diante sua trajetória de vida, Zuzu Angel recebeu homenagens de artistas brasileiros e tornou-se objeto acadêmico. No entanto, na maioria dos trabalhos segue-se uma determinada linearidade, Zuzu Angel é apresentada somente em um caráter, como a mãe guerreira e a grande designer. Assim, neste trabalho, problematiza-se as representações constituídas acerca de Zuzu Angel, em que edificam-se discursos qualificadores, que utilizam-se de uma mesma versão para justificar a sua vida. Acredita-se que tais narrativas correspondem aos interesses próprios de Zuzu Angel e os de sua família. Desta forma, problematiza-se como fonte o livro, *Eu, Zuzu Angel, Procuro meu Filho*, organizado por sua irmã, Virginia Valli, contendo textos de amigos e familiares que conviveram com a designer durante a ditadura civil-militar, além da autobiografia inacabada de Zuzu Angel, *May Way of Death*. Esse estudo insere-se nas discussões teórico-metodológicas referentes a Nova História Política, tendo como referencial teórico a obra *O deságio Biográfico: escrever uma vida*, de François Dosse, consistindo em verificar o processo da escrita de uma história por meio da biografia e da autobiografia, ambas problematizadas e analisadas enquanto fontes históricas.

PALAVRAS-CHAVE: Biografia; Autobiografia; Representação; Zuzu Angel.

INTRODUÇÃO

Em 1921, nasce Zuleika de Souza Netto, no município de Curvelo (Minas Gerais). Após seu nascimento, sua família muda-se para Belo Horizonte, onde vive durante alguns anos. Aos 22 anos casa-se com o estadunidense, Normam Angel Jones. Com o casamento, Zuleika de Souza Netto, torna-se Zuleika Angel Jones. O casal mora durante quatro anos em Salvador, onde nasce o primeiro filho, Stuart Angel Jones. Em 1947, mudam-se para o Rio de Janeiro; e nascem Hildergard Angel Jones e Ana Cristina Angel Jones. A partir dos anos 1957 Zuleika começa a vender as peças de roupas que costurava e nesse momento, nomeia-se como Zuzu. O fim do casamento ocorre em



1960¹. Diante a separação, através de seu trabalho como fashionista/figurinista, Zuzu sustenta seus filhos. No final da década de 60, Zuzu é conhecida nacionalmente e internacionalmente por apresentar uma moda “genuinamente brasileira”. No entanto, em 1971 seu filho mais velho, Stuart, desaparece, comprovado, posteriormente, sua prisão, tortura e assassinato pelos órgãos de segurança nacional. Entretanto, na noite de 13 de maio de 1976 a designer² sofre um acidente automobilístico, abrindo-se discussões dando conta que os militares seriam os mentores. Assim, Zuzu Angel tem sua imagem relacionada predominantemente a ditadura militar, consagrada como mãe guerreira e heroína, que procura de todas as formas encontrar e por seguinte, enterrar o seu filho.

A trajetória de Zuzu Angel pode ser descrita somente em um parágrafo? Observa-se que a vida da designer perpassa por momentos distintos da história brasileira e internacional, constituindo uma trajetória repleta de pluralidades. Sua vida fundamenta-se em continuidades e descontinuidades. Compreende-se que Zuzu Angel é apropriada e ressignificada, construindo discursos que correspondem aos interesses que a família almejava. Assim, fomentam-se produções de textos e vídeos biográficos que ressaltam a “grande mãe”, sendo suas atitudes justificadas pelo momento vivenciado, isto é, a ditadura militar. Mas Zuzu Angel também contribui para a perpetuação de tais discursos?

A vida de Zuzu Angel faz-se conhecida, principalmente, durante os anos 1971 a 1976, após seu filho primogênito, Stuart Angel Jones, ser preso no Grajaú (Rio de Janeiro), em 14 de julho de 1971 e, conseqüentemente torturado e assassinado pelos órgãos de segurança nacional. A prisão e a morte de Stuart foram negadas pelos militares brasileiros, e Zuzu Angel com o desejo de saber do paradeiro de seu filho, posteriormente pelo direito de enterrá-lo, assume uma postura contra o regime ditatorial. No entanto, na noite de 13 de maio de 1976 a designer sofre um acidente automobilístico, abrindo-se discussões que os militares seriam os mentores.

¹ A separação de Zuzu e Norman não oficializou juridicamente.

² Zuzu Angel será intitulada de costureira, modista, fashionista. No entanto, a nomeiam comodesigner, sendo abordada em alguns trabalhos, como a pioneira em trazer para o Brasil tal termo. Assim, ao mencioná-la utiliza-se a palavra designer.



O século XX caracteriza-se por diversos conflitos e embates econômicos e sociais. A trajetória de Zuzu Angel marca-se por fatos históricos vivenciados neste período. Em âmbito internacional, tem-se a crise econômica de 1929, a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. No cenário nacional, ocorre a Revolução de 30, seguido de uma ditadura durante o governo de Getúlio Vargas. Posteriormente, os governos de Eurico Gaspar Dutra, Vargas, Café Filho, Carlos Luz, Nereu Ramos e Juscelino Kubitschek. A vida de Zuzu Angel, enquanto profissional pauta-se principalmente no governo de Kubitschek. O presidente mineiro, durante seu governo muda-se para o Rio de Janeiro e diante as alianças políticas da família da designer, Zuzu Angel com seu esposo também passam a morar na capital do país. No grupo Pioneiras Sociais, coordenado pela primeira dama, Sarah Kubitschek, várias senhoras costuravam uniformes para crianças carentes, dentre elas Zuleika. Após a separação com Normam, Zuzu através da experiência no grupo de obras sociais, inicia a produção de saias, as vendendo. Na década de 60 o Brasil passa por um momento de instabilidade política, nos governos de Jânio Quadros e João Goulart, seguido do golpe militar em 1964. Durante a década de 60, a moda de Zuzu Angel obtém o reconhecimento internacional, sendo utilizada por diversas celebridades estadunidenses.

Stuart desaparece em 1971, seis anos após a instalação do regime de exceção³. Juntamente com sua esposa, Sônia de Moraes Angel (1946-1973), ambos estavam na clandestinidade desde 1969. Os discursos sobre a trajetória de Zuzu Angel salientam que a consciência política em relação ao momento vivenciado pela designer, sobre as práticas revolucionárias contra a ditadura militar tornam-se evidentes após o desaparecimento de seu filho. No entanto, o envolvimento de Stuart nos movimentos de esquerda, antes de seu desaparecimento, produz uma forma de pensamento por parte de Zuzu contra o regime de exceção? Qual o seu posicionamento nas políticas de seu tempo? Principalmente, quais as representações que Zuzu Angel constitui de sua vida?

³Regime de exceção caracteriza-se como uma situação oposta ao Estado de direito. O decreto do regime de exceção ocorre em situações de emergência nacional. As principais características relacionam-se a suspensão temporária de direitos e garantias constitucionais.



A ditadura civil-militar torna-se conhecida para a sociedade brasileira como um momento político em que o povo deixa de eleger seus governantes e o Brasil passa a ser então administrado por um regime de exceção. Vale lembrar que o Golpe de Estado constituiu-se por um conjunto de eventos ocorridos em 31 de março, que culminam, no dia 1º de abril de 1964, na oficialização da instauração do novo governo. O Brasil vivenciava, antes do golpe, um período de instabilidade política e utilizando-se da ameaça da implantação do socialismo, militares defendem o estabelecimento do regime. Assim, os favoráveis e defensores do golpe, o designam como “Revolução de 1964”.

Os chefes militares definem-se para administrarem o país. Foram cinco generais-presidentes e uma Junta Administrativa que sucedem no poder: Humberto Castelo Branco (1964-1967), Artur da Costa e Silva (1967-1969), Aurélio de Lira Tavares, Augusto Rademaker e Marcio de Sousa Melo formam a Junta Administrativa Provisória de 1969; Emílio Garrastazu Médici (1969-1974); Ernesto Geisel (1974-1979) e; João Figueiredo (1979-1985).

Na historiografia brasileira recente, novas perspectivas sobre a ditadura militar encontram-se em discussão. Argumenta-se que o regime de exceção não pode ser considerado exclusivamente como militar, mas, como civil-militar⁴. Isto é, grupos e indivíduos importantes da sociedade participaram da instauração e da organização do governo ditatorial, como, por exemplo, os proprietários rurais, a burguesia industrial, a classe média urbana, uma parcela da sociedade anticomunista da Igreja Católica⁵.

O governo civil-militar combatia um tipo de ação oposicionista e elabora, dentro de uma lógica da doutrina de segurança nacional, pelo Ato Institucional número 2, de 1965, a legitimação de tais práticas. Desta forma, a fim de evitar protestos na sociedade, cassa o direito de

⁴ O historiador Daniel Araújo Reis Filho (2014), discute que o termo ditadura militar é insuficiente para dar conta do processo social e político que houve no Brasil de 1964 a 1985, por deixar de lado lideranças civis, empresariais e até eclesásticas que apoiaram os governos militares.

⁵ As discussões sobre a participação de civis no regime ditatorial, tem sido promovido, também, pela Comissão da Verdade (Comissão criada em 2012, para investigar as violações dos direitos humanos entre os anos 1946 a 1988, no Brasil), em que realizou audiências demonstrando o envolvimento de empresas e grupos civis no financiamento do Golpe.



voto do cidadão, tenta controlar as oposições através de censura ou pela violência dos órgãos de repressão policial.

No entanto, as práticas de oposição fazem-se presentes. E o governo ditatorial, em julho de 1968, acredita que o Brasil avançava para um estágio de “guerra revolucionária”⁶. Desta forma, articula-se uma maneira de diminuir e legitimar a proibição de manifestações contra o regime de exceção. Maria Helena Moreira Alves⁷ salienta que a partir da consolidação do Ato Institucional N° 5 (AI-5), em 13 de maio de 1968, durante o governo de Costa e Silva, introduz-se um novo ciclo de repressão e os grupos de oposição perceberam a necessidade de uma luta armada, assumindo posição predominante.

A partir desse momento, tornam-se mais evidentes as prisões e os interrogatórios. O aparelho repressor utiliza-se da prática da tortura para desintegrar as organizações clandestinas e obter informações que levem a prisão de outros militantes e na fragmentação de grupos de apoio à guerrilha. A tortura institucionaliza-se como método de interrogatório e controle político. Neste cenário, Stuart entra para a clandestinidade em 1969, presenciando o período de maior repressão. Zuzu Angel vivencia, durante sua luta na procura de seu filho, a censura, o milagre econômico, embates entre a oposição e o regime, discussões sobre a anistia, dentre outros.

Faz-se importante uma introdução sobre a ditadura civil-militar, pois as representações que Zuzu Angel, os indivíduos que conviveram com ela e o meio acadêmico estabelecem, norteiam-se por esse período da história nacional. Esse trabalho, não tem como objetivo discutir a veracidade dos fatos descritos pela designer, mas problematizar os sentidos e as pluralidades criadas por ela ao escrever sobre sua vida.

Tem-se como fonte na elaboração desse estudo, o livro, *Eu, Zuzu Angel, Procuro Meu Filho*⁸, organizado por ViginiaValli (irmã da designer) e publicado em 1986. Tal obra possui a autobiografia inacabada de Zuzu Angel, *My Way of Death* (Minha Maneira de Morrer). Sua escrita

⁶ O pressuposto de tais afirmativas, deve-se ao aumento de passeatas, principalmente seguido pela Passeata dos Cem Mil, ocorrida em 28 de junho de 1968.

⁷ ALVES, Maria Helena M. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. Trad. Clóvis Marques. Petrópolis: Vozes, 1964.

⁸ VALLI, Viginia. **Eu, Zuzu Angel, Procuro Meu Filho**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.



inicia-se em 1972 e encerra-se em 1976. Também, constitui-se de textos elaborados por familiares e amigos, que conviveram com Zuzu Angel durante o período da ditadura militar. Nos anexos do livro contém-se documentos, cartas, registros de óbito, fotografias, etc; os documentos aparecem com a intenção de comprovar a veracidade das práticas de Zuzu Angel. Utiliza-se como fonte, os trabalhos acadêmicos desenvolvidos acerca da trajetória da designer. As pesquisas concentram-se no campo da História, Comunicação Social, do Designe ou da Moda. Os trabalhos, em relação a Zuzu Angel, no qual obteve-se acesso, iniciam-se em 2006, tendo produções até o ano de 2014.

Para a problematização de tais fontes, o respectivo trabalho insere-se nas discussões da Nova História Política. As novas abordagens sobre o político entram em cena a partir dos anos 1980, juntamente com as perspectivas da História Cultural. Os historiadores propõem estudos sobre as representações, o imaginário e a memória. Preocupa-se em problematizar o sujeito histórico, refletindo sobre suas diversidades e confrontos em distintos espaços e práticas sociais. A biografia e a autobiografia tornam-se objetos de estudos para os historiadores, proporcionando metodologias e teorias, que analisam a singularidade, os sentidos e as verdades que o indivíduo constitui sobre sua vida. A memória, também desempenha um papel importante para tais análises, em que as falas individuais são fundamentais para o discurso histórico.

Sobre o estudo da biografia e da autobiografia abordam-se as propostas de François Dosse⁹, que a analisa em três períodos: biografia heroica, biografia modal e idade hermenêutica. Utilizando-se, da terceira fase, em que manifesta-se a singularidade, o indivíduo reabilita-se como ator, como entidade pertinente nas pesquisas históricas, indaga-se sobre as pluralidades das identidades. Desta forma, elucida-se a autobiografia, onde o indivíduo constrói o “efeito do vivido”; com sua problematização elucida-se as singularidades e pluralidades, sem saturar a totalidade da realidade vivida.

QUEM É ESSA MULHER? AS REPRESENTAÇÕES QUE ZUZU ANGEL CONSTITUI DE SI

Neste subitem problematiza-se a autobiografia inacabada de Zuzu Angel, *My Way of Death* (Minha Maneira de Morrer). A escrita de tal texto inicia-se em 1972 e encerra-se em 1976,

⁹ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.



ano do falecimento da designer. Virginia Valli, irmã de Zuzu Angel, publica a autobiografia em 1986, compondo o livro, *Eu, Zuzu Angel, Procuro Meu Filho*. Tal obra contém os discursos de indivíduos que conviveram com Zuzu Angel durante a ditadura militar. Nos anexos do livro contém-se documentos, cartas, registros de óbito, fotografias, etc; os documentos aparecem com a intenção de comprovar a veracidade das práticas de Zuzu Angel.

A autobiografia constitui-se de recortes que o indivíduo seleciona acerca de si, edificando e construindo uma imagem própria. As dificuldades em analisá-la consistem nas ambiguidades, nos problemas e nas diversas temporalidades. O indivíduo ao escrever sobre si estabelece interpretações, proporcionando e concebendo sentidos e verdades. Zuzu Angel aos escrever sobre si constrói um significado para sua trajetória. Organiza a narrativa com a intenção de conceber uma lógica para sua vida.

Zuzu Angel inicia a autobiografia afirmando-se como;

Eu sou uma mineira jeca. Agora virei uma negociasta (nisto puxei meu tio e padrinho Oscar). Só penso em trabalhar e ganhar dinheiro para dar o melhor aos meus filhos, principalmente depois que o pai deles me deixou e foi fundar um orfanato para criar os filhos das outras. Agora tenho que entrar nessa política e virar militante. Que jeito? A procura do meu filho, e depois dos filhos das outras, me envolveu completamente.¹⁰

Nota-se que a designer nesse trecho apresenta-se em diferentes pluralidades. Zuzu Angel enquanto uma mineira que não conhece os problemas sociais e políticos de seu tempo. No entanto torna-se uma negociasta; seu trabalho reconhecido nacionalmente e internacionalmente; proporcionando o sustento para os seus filhos. Mas quando sua moda encontra-se em um momento de sucesso, Zuzu precisar ser militante, luta-se pelo seu filho e pelos filhos das outras. Tal mulher apresenta em determinados momentos a consciência de que suas práticas são de militância, entretanto, não no sentido de derrubar o regime, e sim de encontrar Stuart.

Nas primeiras páginas a raiva, a angústia e a incerteza do paradeiro de Stuart são explícitos na fala de Zuzu Angel. Sua busca nos órgãos de segurança nacional, conversas com

¹⁰ ANGEL. 1986, p. 31.



militares, tentativas de *habeas corpus*; todas as formas possíveis para encontrar seu filho. Zuzu Angel informa-se sobre a ditadura militar; “e depois eu li bastante para entender bem essa chamada guerra suja”¹¹. Quando Stuart desaparece faz-se imprescindível à compreensão da política nacional.

A consciência política de Zuzu Angel inicia-se com o desaparecimento de seu filho, pois antes não existia a necessidade de entender ou questionar o governo. As práticas contra o regime de exceção tornam-se presentes na vida da designer. Ler os panfletos, escutar as dores de outras mães, buscar nos jornais informações e principalmente colecionar todos os documentos sobre a ditadura militar. Zuzu Angel apresenta em sua autobiografia informações sobre o regime de exceção. Discute as formas de denunciar as práticas de tortura e o silenciamento dos jornais. Como tal mulher menciona, “o tempo que me sobra do trabalho, fico fuçando nos jornais. Lendo nas entrelinhas. Esses jornais brasileiros não dão nada”¹². Zuzu Angel coleciona os documentos, cartas e poemas recebidos, com a finalidade de denunciar os crimes cometidos contra seu filho. A designer afirma;

Mais um trabalho para mim: substituir meu filho nesta guerra. Falo mal da ditadura, copio e multiplico tudo que mandam contra Eles. E distribuo como posso. Não há censura contra mim. O correio entrega tudo. Com certeza, abrem, lêem, copiam, depois fecham e me mandam direitinho. Um jogo de gato e rato? Às vezes me divirto, rio, como sempre fiz toda a vida. Mas o desespero não me larga. Tenho que sair, mesmo cansada, depois de trabalhar o dia inteiro na loja ou na oficina. Para procurar amigos, políticos, pessoas que tem alguma influência.

A ditadura militar define-se para Zuzu Angel, como uma guerra suja. Um crime cometido contra a humanidade. A designer descreve os principais acontecimentos ocorridos durante o regime de exceção. Menciona-se a censura a imprensa, a tortura, a criação da AI-5, o milagre econômico, a Guerrilha do Araguaia, o sequestro do embaixador estadunidense, os tiroteios que causaram a morte de membros da esquerda, etc. A escrita de Zuzu Angel não possui

¹¹ANGEL. 1986, p. 33.

¹² Idem, ibidem, p. 36.



um sequência e cronologia, os fatos que perpassam durante o regime de exceção aparecem em diferentes páginas, como confirmação dos horrores cometidos pelos militares¹³.

Zuzu Angel realiza inúmeras comparações entre a ditadura militar e outras épocas históricas. Cita-se o Brasil Colônia, que nem nesse período existiam tantas pessoas sendo assassinadas, mas posteriormente, Zuzu Angel afirma que desde D. João VI, há “podridão neste país”¹⁴. A tortura, segundo a designer tem início desde o governo de Artur Bernardes, perpetuando-se na ditadura Vargas. A principal comparação, em que faz-se menção em diversos momentos da autobiografia, relaciona-se a Inconfidência Mineira. Zuzu Angel acredita que os participantes dos movimentos de esquerda lutavam pela democracia, de forma semelhante aos inconfidentes. Desta forma, com o fim do regime de exceção, todos se tornariam heróis nacionais e Stuart o “Tiradentes da era dos computadores”. Também, ocorre comparações com o nazismo, ou seja, *a solução final* instala-se no Brasil, os militares desejam aniquilar toda a oposição.

No entanto, autobiografia constitui-se como um relato de toda a busca de Stuart, sendo descrita através da definição da organização da ditadura militar. Para a designer o importante consiste-se em escrever sobre o seu filho, pois sua trajetória inicia-se com o seu nascimento, principalmente com o seu desaparecimento, quando estabelece-se a necessidade da adesão de práticas de oposição ao regime de exceção. Na maioria das páginas da autobiografia a descrição sobre a trajetória de Stuart faz-se presente. Cita-se o seu nascimento, o interesse por esportes, o envolvimento com os movimentos revolucionários, o casamento com Sônia. Zuzu Angel não opta como tema principal a sua própria vida, mas a de seu filho, esta que encontra-se intrinsecamente ligada a sua.

A designer constrói uma narrativa para demonstrar a “pureza” de Stuart, um jovem que desde criança apresenta características de bondade e amor. Assim, questiona-se porque um rapaz tão gentil passa por momentos de tanta crueldade. Zuzu Angel utiliza-se da fala de outros indivíduos para justificar as qualidades e para afirmar que as práticas de tortura não podem ser

¹³ Zuzu Angel refere-se ao militares como Eles.

¹⁴ ANGEL, 1986, p. 106.



realizadas com seu filho. Como ela menciona: “ela [professora de Stuart] disse que os senhores da farda não podiam fazer isto com meu filho. ‘Não com este, que é um santo’”¹⁵. A participação de seu primogênito nos movimentos de oposição ao governo ditatorial, segundo Zuzu Angel, ocorre devido à violência e a violação dos direitos de milhares de jovens brasileiros;

Se Stuart até morreu por suas idéias, é que eram justas. Ele foi um menino bom, estudioso, manso, uma doçura de pessoa. Sempre pedindo perdão de tudo, em suas cartinhas, em cartões de aniversário, ou no dia das mães. Com 8 anos, ele me escreveu: “Sei que tudo que fiz não foi boa coisa, mas por isso resolvi dar-lhe um presente que, talvez apague um pedaço das minhas artes. Espero que este humilde presente lhe proporcione grande alegria. Do filho Stuart”. [...] Ele entrou na luta porque a violência foi imposta aos infelizes jovens desta época negra. A violência das leis, a violência da PM nas Faculdades, eles apanhando, passando pelo corredor polonês aos pontapés, todo mundo espichado no chão de barriga para baixo e mãos na nuca.¹⁶

De acordo com a designer o que fizeram com seu filho resume-se em uma crueldade impossível de ser descrita. No entanto, para Zuzu Angel, os militares cometeram um erro, mataram Stuart e a deixou viva. Suas práticas de oposição, em determinados momentos, apresenta-se como o desejo de encontrar somente o seu filho, mas em outros de por um fim a ditadura militar. Antes o objetivo consistia em denunciar o desaparecimento de Stuart. No final da obra, a vontade de “derrubar” o regime de exceção torna-se mais explícito.

Na fala da designer, percebe-se que a única saída para denunciar a ditadura militar e saber do paradeiro de seu filho consiste em utilizar-se da mídia internacional. Segundo a designer, os jornais brasileiros não informavam sobre os desaparecimentos devido a censura, desta forma, não alcançaria respaldo da imprensa nacional. Aproveitando-se que sua moda torna-se reconhecida nos EUA e o pai de Stuart possuía nacionalidade estadunidense, Zuzu Angel estabelece relações neste país, com o objetivo de que cobrem do governo brasileiro satisfações do desaparecimento de seu filho.

Assim, a designer utiliza-se da sua profissão como forma de protesto; como ela afirma: “anunciarei ao mundo, através da minha moda, o que está acontecendo no Brasil. Se for

¹⁵ Idem, ibidem, p. 34.

¹⁶ ANGEL, 1986, p. 107.



necessário. É esta a minha arma”¹⁷. Isto é, no final do ano de 1971, na cidade de Nova York, Zuzu Angel consagra seu desfile como o primeiro desfile político da história. Para tal;

Há quatro meses, quando comecei a pensar nela (a coleção), eu me inspirei nas flores coloridas e nos belos pássaros do meu país. Mas, então, de repente, esse pesadelo entrou em minha vida e as flores perderam o colorido, os pássaros enlouqueceram e produzi uma coleção com um enredo político. É a primeira vez, em toda a história da moda, que isto acontece. [...] É que eu tinha muitos amigos lá na América que admiravam meu trabalho. Achei que o prestígio de toda essa gente me apoiando ia abrir a boca dos militares.¹⁸

A profissão significa para Zuzu Angel o meio para encontrar Stuart, de que os militares sintam-se pressionados e esclareçam o desaparecimento de seu filho. Com estas práticas, ela define-se como uma “costureira intelectual”;

Começo a me sentir uma costureira intelectual. A transar com artistas, escritores, jornalistas, tudo aquilo que chamam de intelectual. Às voltas com papéis, lendo nas entrelinhas dos jornais para ver se entendo esse pesadelo que é morar num país em que nada se informa, nada se sabe, nada pode ser transmitido. Copio tudo que me mandam e passo adiante.¹⁹

Em outro momento, Zuzu Angel afirma que; “eu não tenho coragem, coragem tinha meu filho. Eu tenho legitimidade”²⁰. Escrever a autobiografia consiste-se em ser uma intelectual, de legitimar-se e perpetuar-se, registrando as suas práticas contra a ditadura militar. A legitimidade que tal mulher refere-se está além de produzir um relato de vida, mas de buscar apoio em uma das maiores potências econômicas, para “desafiar” o governo brasileiro.

As relações estabelecidas nos Estados Unidos representam para Zuzu Angel a oportunidade de por um fim ao regime de exceção. Ao referir-se a tal país, a presença de Norman faz-se presente. Isto é, o pai de Stuart por possuir nacionalidade estadunidense apresenta-se como o fator que legitima as práticas da designer nos EUA. No entanto, não significava que ele participava na busca de Stuart. Na autobiografia tem-se uma foto de Norman, porém não há nenhuma legenda ou explicação sobre esse homem. A fotografia desempenha o papel de

¹⁷ Idem, ibidem, p. 53.

¹⁸ ANGEL, 1986, p. 51.

¹⁹ Idem, ibidem, p. 85.

²⁰ Idem, ibidem, p. 25.



ilustração. Norman sabia do desaparecimento de Stuart, mas não compartilhava das mesmas atitudes de Zuzu Angel para encontra-lo.

A partir da família de Norman que a designer tem a esperança de levantar informações sobre Stuart;

Os parentes de meu marido estavam fazendo tudo para obter alguma informação. O tio avô de Tuti, Sidney F. Foster, da Corte de Nova York, escreveu ao ministro Aliomar Baleeiro, presidente do Supremo Tribunal Federal. Este, por sua vez encaminhou o pedido de informação sobre o paradeiro de meu filho ao ministro Alfredo Buzaid. [...] O Dr. Sidney Foster escreveu também ao General Sylvio Frota, demonstrando sua preocupação com a segurança do seu sobrinho.²¹

Para Zuzu Angel, quando estava na América²², ela pode compreender o horror da ditadura militar; nos jornais estadunidenses as atrocidades cometidas contra os jovens eram denunciadas. Os Estados Unidos caracteriza-se para a designer como o exemplo da democracia. Quando emprestam dinheiro para o Brasil, acreditam que o governo promoveria o desenvolvimento. Segundo Zuzu Angel, “não adianta ajudar corruptos como os militares brasileiros, se eles não vão fazer reforma nenhuma nem melhorar nada no país, apenas chantagear o governo americano”²³. Os EUA, de acordo com a fala de Zuzu Angel, também é vítima dos “ditadores anticomunistas”²⁴.

No final da autobiografia, os Estados Unidos continua sendo a esperança de Zuzu Angel para encontrar e enterrar o seu filho. Para tal, os militares, em determinado momento, explicariam a morte de Tuti;

A ação dos parentes de Stuart na América e a minha, paralelamente, conversando com Senadores e Congressistas americanos, me dão pelo menos uma esperança de que algo se fará para esclarecer as circunstâncias em que meu filho foi morto²⁵.

Mas, em sua fala, a euforia ao escrever sobre sua busca diminui-se. As palavras soam como se Zuzu Angel estivesse deprimida e as ameaças intensificadas. A designer questiona: “por que

²¹ Angel. 1986, p. 51.

²² Zuzu Angel refere-se aos Estados Unidos como América.

²³ Idem, ibidem, p. 87.

²⁴ Idem, ibidem, p. 87.

²⁵ Idem, ibidem, p. 173.



martirizar tanto uma pobre mãe? Será a minha atividade *abroad* que está incomodando?”²⁶. Nas últimas páginas da autobiografia ela menciona a necessidade de montar-se um *dossier*, como forma de comprovar a prática de tortura no governo brasileiro. Assim, quando o Secretário de Estado Americano, Henry Kissinger chega ao Brasil, invade o Hotel e entrega o *dossier* a ele. A organização dos documentos apresenta-se na fala de Zuzu Angel, como a última alternativa de pressionar os órgãos de segurança brasileiro.

Observa-se que a autobiografia da designer possui diversas temporalidades. Zuzu Angel não utiliza-se de uma sequência cronológica para referir a sua vida. Os acontecimentos são citados conforme ocorrem durante a ditadura militar. Apesar das temporalidades, em sua maioria, vivenciam-se no decorrer do regime de exceção, renovam-se e formulações distintas são concebidas.

Em um texto autobiográfico o indivíduo constrói verdades e sentidos. Ao escrever sobre si, o personagem modifica-se, proporcionando uma significação para sua existência. Esta encontra-se mutável, ou seja, a identidade situa-se em diversas pluralidades, modificando-se e agregando-se novos sentidos. Durante o texto de Zuzu Angel, as representações de si, interferem em diversas conotações. Ora, uma mulher que define-se como mãe, costureira, fashionista, designer, revolucionária, intelectual, etc.

As memórias de Zuzu Angel encontram-se como rastros, sendo rememorada, evocada. Ao escrever sobre sua vida, a designer utiliza-se das suas experiências no passado para adquirir o qualitativo de histórico. Para tal, existe a necessidade de entrar para a história, de perpetuar-se em outros tempos. Assim, para que esse objetivo realize-se, faz-se imprescindível relatar acerca de sua trajetória. No entanto, não significa em esboçar desde o seu nascimento, pois para Zuzu Angel, o que marca a sua vida e o que precisa ser lembrado na posteridade refere-se as suas práticas *abroad* ao longo dos anos 1971 a 1976.

Acredita-se, nesse estudo, que as representações e os discursos a respeito da vida de Zuzu Angel, em que ressaltam a grande mãe, moldam-se de acordo com os interesses da sua

²⁶Idem, ibidem, p. 188.



família. No entanto, essas representações definem-se, a princípio, pela própria Zuzu Angel. Ela consagra-se como mãe, que luta pelo seu filho e pelos filhos das outras. Também define-se enquanto profissional, que utiliza-se da sua moda para protestar. Zuzu Angel edifica a ambiguidade da sua vida e define a ditadura militar como momento crucial para sua existência.

AS PESSOAS QUE ESCRIVEM: A OFICIALIZAÇÃO DA MEMÓRIA

No subtítulo anterior discute-se as representações que Zuzu Angel constitui de si, em que, consagra-se como “mãe revolucionária” e “costureira intelectual”. Essas definições de sua trajetória perpetuam-se, também, através das narrativas de sua família. No livro que contém a autobiografia da designer, *Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu filho*, organizado por sua irmã Virginia Valli e publicado em 1986, tem-se a fala de outros indivíduos para alcançar uma lógica da vida de Zuzu Angel, pessoas que tiveram suas memórias compartilhadas e conceberam representações para a compreensão da vida da designer²⁷. A percepção que tem-se da obra remete-se ao desejo de não apagar a memória da designer, evidenciando a importância da sua trajetória como exemplo para a não aceitação dos regimes autoritários e a violação da liberdade.

As falas presentes no decorrer da obra, apresentam-se semelhantes à autobiografia de Zuzu Angel. Os acontecimentos na vida da designer tornam-se históricos, e as narrativas aparecem como afirmação da veracidade de tudo o que fora dito. No entanto, observa-se que houve uma manipulação da memória, isto é, reivindica-se uma identidade de Zuzu Angel e sua vida situa-se como exemplo para a história nacional. As narrativas exercessem o papel de organizar uma memória que esta armada por uma história ela mesma autorizada, sendo oficial e aprendida. A trajetória de Zuzu Angel, passa a ser ensinada, exercida e institucionalizada.

Assim, as problematizações sobre as representações contidas nos discursos presentes na obra podem ser inúmeras. Zuzu Angel recebe diversas apropriações, mas em síntese, apresenta-se em três pluralidades contidas em sua trajetória: a) a mãe; b) a profissional, ou seja, a

²⁷ As pessoas que escreveram referem-se: ao historiador Nelson Werneck Sodré; as filhas de Zuzu Angel, Hildegard Angel e Ana Cristina Angel Jones; o jornalista Zuenir Ventura; Antonina Murat Vasconellos, que também teve sua filha presa durante a ditadura civil-militar; o advogado Nilo Baptista; e por último, Virginia Valli, organizadora do livro.



costureira que tornou-se designer; c) com a junção dos dois últimos aspectos, têm-se a revolucionária. Em âmbito geral, todas as pessoas que escreveram sobre Zuzu Angel, utilizaram-se de uma mesma sequência, para dizer que tal mulher era uma “grande mãe”, sempre lutou para sustentar seus filhos, constituindo, desta forma, uma profissão. Mas quando seu filho desapareceu, o sentimento de mãe mais a criatividade e reputação como designer, fomentou sua luta na busca de Stuart.

Apesar de Zuzu Angel ter denunciado nacionalmente e internacionalmente a ditadura militar, não é considerada como militante, ela era mãe, que também lutava pelas outras mães que se encontravam em situação semelhante. Seu objetivo, diante os discursos, não baseia-se na intenção de colocar um fim ao regime de exceção, mas em denunciar, em um primeiro momento o desaparecimento e posteriormente a morte de seu filho. No entanto, todo o seu empenho e determinação seriam em vão, não somente o dela, Stuart também não alcançou seus objetivos, como Zuenir Ventura cita de maneira mais explícita, “é um bom exercício se debruçar sobre a saga desses dois ‘perdedores’, mãe e filho”²⁸. Ora, a designer utiliza de todo um aparato para denunciar a morte de Stuart, mas é interrompida, não conquista o que almeja e torna-se uma perdedora. A morte que interrompe a luta de Zuzu Angel é citada em todas as falas, onde o grande propósito não se realiza.

Outra característica presente nas narrativas são os aspectos atribuídos a Stuart e a Zuzu Angel. O primeiro é comparado a Tiradentes, onde ambos foram brutalmente assassinados após se oporem ao governo de suas épocas. Stuart tornar-se-ia futuramente um herói nacional, considerado por todos como um mártir, em que sacrificou sua própria vida por amor a sua pátria. A religiosidade ficará centrada na figura de Zuzu Angel, sendo sua dor sentida “numa verdadeira semana santa”²⁹.

Cada indivíduo que escreveu sobre a designer, influencia-se por sua trajetória, pessoas que possuem uma memória individual e compartilharam com o outrem. As temporalidades

²⁸ VENTURA, 1986, p. 24-25.

²⁹ VASCONCELLOS, 1986, p. 60. B



expostas são inúmeras. Todos remeteram a momentos distintos, instantes que tiveram ao lado de Zuzu Angel e que são rememorados em suas falas. Cada um fala de um locus, de um tempo, por isso a diversidade das descrições. No entanto, apesar das várias representações a lógica e a sequência fazem presentes. Perpetuar-se uma imagem desejada pelos familiares, isto é, a “mãe coragem”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender uma trajetória implica em estudar o indivíduo como agente de seu tempo, em que são concebidos sentidos e verdades. Desenvolveu-se uma pesquisa com o intuito de estabelecer metodologias que proporcionem o estudo do indivíduo. Como Lucien Febvre afirmou “o indivíduo é apenas o que sua época e seu meio permitem que ele seja”³⁰, isto é, não existem rupturas entre o indivíduo, a sociedade e o seu tempo, ambos estão ligados. Assim, através desse estudo, permite-se a percepção da singularidade do indivíduo e as características de seu tempo, trazendo ao historiador uma nova perspectiva na escrita da história.

Desta forma, problematiza-se o gênero biográfico como uma metodologia de escrita para o historiador. Em que evidenciam-se trajetórias individuais com o intuito de perceber as transformações em determinadas épocas e como o indivíduo consolida suas relações sociais e políticas. Com a idade hermenêutica, novas formas de questionar uma vida são proporcionadas. Isto é, tem-se como problema as diversas pluralidades, identidades, temporalidades que o indivíduo constitui para sua vida. No entanto, não busca-se estabelecer uma veracidade de todos os fatos ocorridos em uma trajetória, mas de demonstrar o “efeito de vivido”; as verdades e os sentidos construídos pelo personagem.

Ao estudar sobre a trajetória da designer, questionou-se a linearidade cronológica dos discursos. Pesquisou-se os motivos que levaram a edificação de uma história acerca de Zuzu Angel que está definida e institucionalizada. Acredita-se que as narrativas correspondem aos interesses que a família almejava; entretanto, a designer que determina o que deve ser lembrado e

³⁰ FEBVRE, 1953.



perpetuado, ou seja, os cinco anos de luta (1971-1976). Zuzu Angel edifica-se como uma grande mãe e como uma grande profissional, constituindo a ambiguidade de sua vida.

As narrativas dos familiares da designer oficializam a sua trajetória. Zuzu Angel recebe diversas apropriações. A concebem como mãe e como profissional, na junção dessas duas características têm-se a revolucionária. Nas falas a sequência e a linearidade fazem-se presentes, apresenta-se a necessidade de formar uma lógica para a vida de Zuzu Angel.

O objetivo desse trabalho consiste, desta forma, em apresentar as diversas representações edificadas acerca de Zuzu Angel. Compreendeu-se que a designer foi apropriada e ressignificada, sendo produzidos textos biográficos que ressaltam a “grande mãe”, no cenário da ditadura militar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Helena M. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. Trad. Clóvis Marques. Petrópolis: Vozes, 1964.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Portugal: Editorial Presença, 1977.

REIS, DANIEL A. **Ditadura e Democracia no Brasil**. São Paulo: Editora Zahar, 2014.

VALLI, Virginia. **Eu, Zuzu Angel, Procuro Meu Filho**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

VASCONCELLOS, Antonio M. Como conheci Zuzu Angel. In: VALLI, Virginia. **Eu, Zuzu Angel, Procuro Meu Filho**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.